

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 86 n.º	Semest 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	19.º Anno — XIX Volume — N.º 623	Redacção — Atelier de gravura — Administração <i>Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4</i>
Portugal (franco de porte. m. forte)	3\$800	1\$900	9950	120	15 DE ABRIL DE 1896	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



CHRONICA OCCIDENTAL

Paschoa! E' um nome que sôa alegremente, um nome que tem sol!

Alegre, como revoada de pardaes, que saem dos abrigos, mal rompe uma nesga d'ouro as nuvens esfarrapadas, dos lyceus, das escolas, dos collegios, das universidades, a rapaziada sahiu finalmente para encher os pulmões do bom ar cá de fóra.

E' o campo cheio de flôres, cantam rouxinões nas devezas e os melros pelos vallados, mas os paes são tristes na casa solitaria. Cá fóra tudo é luz, mas elles não a vêem, nem ouvem os concertos da natureza. E' que o sol d'elles é outro, e só a voz dos filhos é musica para ouvir-se.

Boa, santa alegria a d'aquella hora de chegada do querido ausente! Como estremecem os corações! E elle um homem, o orgulho a esperança dos pobresitos que vão declinando, astros que já foram, e hoje mergulham na escuridão, encandeados pelo arrebol do oriente!

Ah! como os corações se gastam n'aquelle anciar constante, hoje estremecendo de amor, amanhã de susto, vibrando agora de commoção por uma nova que vem de longe trazendo um ecco de gloria, depois voltando momentaneamente á quietação que um boato, uma carta que se espera e não chega, vem perturbar, vem roubar em longas noites de insomnia!

Felizes d'aquelles a quem Deus paga o soffrimento com a ventura dos filhos! Mas sonhar tanto com elles, esperal-os doidamente, como um enfermo a aurora depois de longa noite de inverno, estender-lhes os braços para abraçal-os e sentir um corpo inanimado, querer beijar-lhes a testa e sentir na bocca o frio da morte!

Foi assim que o Hylario morreu em casa de seus paes, na terra em que havia nascido.

Pobre Hylario, tão novo, poeta e sonhador! Apaixonou-se por elle a Morte ciumenta e levou-o nos braços, quando elle estava tendo um sonho de vida que a esperança aureolava!

Foi assim, em meio das festas da Paschoa, quando tantos braços de amigos se lhe abriam hospitaleiros, que a Morte o veio buscar. Ao menos morreu entre os seus e poudo reclinar, para o conchego do somno eterno, no seio que lhe deu vida, a fronte que tanto sonhou!

N'um leito do hospital de S. José falleceu um outro poeta, ha dias, que era um sonhador tambem.

Pouco deixou que attrahisse a attenção do vulgo e mal é conhecido o seu nome. Entretanto Santos Valente era um erudito e um trabalhador. Conhecendo profundamente as linguas, especialmente a portugueza e a latina, verteu para esta os melhores trechos dos nossos poetas, que assim tornou conhecidos fóra de Portugal. Principal collaborador dos nossos melhores dictionarios, trabalhava constantemente, até quando já a doença lhe enfraquecera as forças phisicas, que antes abateram que a sua energia moral.

Vivendo alheado do mundo, alheado vivia em seu trabalho e, se á terra descia ás vezes, era apenas para fazer o bem que podia, santo como João de Deus de quem foi um dos maiores amigos.

Pequenino, parecia querer esconder-se e, com effeito, na sua modestia rara occultava uma erudição vastissima, thesoiro inexgotaxel cujas portas francamente abria a todos.

Sonhador lhe chamámos, porque os santos de hoje em dia são todos elles sonhadores. Santos Valente desconhecia o egoismo, o grande vicio dos tempos em que vamos, e atravessou a vida, humilde, pobresinho, generoso na sua pobreza, alegre na sua humildade.

Commemoração bem humilde é esta para dois amigos mortos, mas humildes o foram na vida, o que fará que lá sejam primeiros, segundo a promessa de Deus.

E' bom fallar dos queridos ausentes, procurar com a phantasia tornar a vel-os, ouvir-lhes a fala,

rememorar o bem que fizeram. Assim parece que nas horas silenciosas da noite lhes tornamos a dar um pouco de vida, que a saudade das nossas almas se transforma em almas tangiveis com que voltam para acompanhar-nos.

Foi um desejo d'esses que levou a redacção do *Correio da Manhã* a convidar os amigos e collegas de Pinheiro Chagas para uma visita ao cemiterio dos Prazeres, no dia anniversario da morte do grande escriptor.

Ali, em torno do caixão do que foi jornalista eximio, poeta e dramaturgo, se reuniram os seus velhos companheiros de trabalho, amigos, que todos o eram, admiradores d'aquelle generoso coração, lucida intelligencia, vontade energica.

Junto do tumulo falaram o sr. ministro da ma-



CONSELHEIRO GUILHERME JOSÉ ENNES

DIRECTOR DO POSTO DE DESINFECÇÃO PUBLICA DE LISBOA

rinha em nome do governo, o sr. Jeronymo Pimentel pela camara dos pares, o sr. conde de Resello pela camara municipal, Antonio Candido, pela Academia Real das Sciencias, o sr. Ferreira do Amaral pela sociedade de geographia, Magalhães Lima pela imprensa, e finalmente Jayme Victor pelo *Correio da Manhã*.

E todos, á uma, fizeram o elogio das altissimas qualidades de Pinheiro Chagas, como homem, como cidadão, como politico, como poeta, como chefe de familia. Deante d'aquellas cinzas frias reuniram-se todas as classes como tributo de admiração ao caracter, ao coração e ao talento d'aquelle que mereceu tão justa e tão commovedora apothese.

Alli foram lembradas as suas glorias na tribuna, no jornalismo, no theatro; os seus trabalhos no congresso de beneficencia; o patriotismo que o dominou, que o apaixonou; a sua energia na lucta; o grande amor que tinha aos seus, pelos quaes trabalhou constantemente.

E os seus lá estavam tambem, aquelles que teem como um dever, conservar o nome benemerito e glorioso d'esse homem honrado, cheio de talento, trabalhador infatigavel na litteratura e na politica.

De todas aquellas commemorações nenhuma seria tão grata ao espirito do poeta, como as lagrimas que vieram marejar os olhos dos filhos.

Dois dias depois, no theatro da Rua dos Condes, representou-se a *Morgadinha de Valflor*, recita para que a Empreza exploradora d'aquella casa de espectaculos convidou todos os amigos de Pinheiro Chagas.

Foi essa de todas as suas obras e que maior fama alcançou. Feita em pleno periodo romantico, estava n'aquelle assumpto á vontade, quer pelo seu feitio especial de lyrico, quer pelas suas tendencias democraticas, o espirito do dramaturgo. O exito obtido pela representação da peça, quando pela primeira vez, em 1869, subiu á scena no theatro de D. Maria, foi colossal e a *Morgadinha* proclamada a melhor peça portugueza depois do *Fr. Luiz de Sousa*. Tasso era admiravel no papel de *Luiz Fernandes*, Emilia Adelaide abtinha todas as noites ovacões enormes no desempenho do protagonista. Igual acolhimento teve a peça de Pinheiro Chagas no Brazil, onde em direitos de auctor os ladrões dos empresarios lhe roubaram uma fortuna. A *Morgadinha* foi traduzida em hespanhol e italiano e n'esta lingua aqui foi representada. O exito foi sempre o mesmo.

No theatro da Rua dos Condes foi agora o papel da *Morgadinha* distribuido a Lucilia Simões, que mais uma vez mostrou a viveza da sua intelligencia e energia da sua vontade. Continua a ser uma esperança cada vez com luz mais vivida. Falta-lhe apenas a pratica do palco e o poder manifestar-se n'um papel em harmonia com os seus recursos, ainda limitados pela pouca idade da actriz, mas já enormes pelo brilhante talento que nos revela.

Foi n'esse mesmo dia a estreia de Emanuel no theatro D. Amelia. O grande tragico italiano, que tem fama de ser um dos mais notaveis interpretes de Shakespeare, estreou-se com o *Othello*, que é, dizem, a sua corôa de gloria e cujo desempenho em Londres maravilhou o famoso Irving. Entretanto parece que entre nós se dividiram as opiniões. Nada por enquanto podemos calcular, porque o não vimos, mas franco, francamente, vamos pelo Irving.

As recitas do theatro D. Amelia devem, esperamol o, ser agora concorridissimas. O repertorio é magnifico e na companhia de Emanuel vem Cesar Rossi, um dos mais notaveis artistas comicos italianos. Não se mostre entre nós tão corrompido o bom gosto que o publico e a alta sociedade só corram a applaudir bambochatas sem arte e sem graça, que fariam apitar um policia, se na policia ao menos ainda houvesse pudor.

E nos espectaculos poriamos aqui ponto, se o Gungunhana e sua vasta familia não continuassem a roubar a concorrência aos theatros. O preto conservou-se na moda e, desde que está doente no hospital da Boa Hora, juntam-se os curiosos na rua á espera que assome á janella a fazer-lhes caretas.

Seria curiosissimo dar agora liberdade ao regulo com a condição de que escrevesse as suas memorias. Teriam talvez o mesmo titulo d'um dos quadros da revista do Schwalbach — *No pai dos Modernos*. Que confusões não deve haver por debaixo d'aquella carapinha! O caso é que o teem tratado tão bem, com tanta amendoa, licores e doces, que deram com o homem no hospital!

Dizem agora que o levam para Cabo Verde. E talvez na esperança de que morra com a nostalgia de Monsanto.

E lá muito longe dos regalos com que o trataram, saudoso das bellas tardes frescas a contem-

plar o Tejo entre as suas favoritas, das boas garrafas de vinho do Porto, dos pasteis de Belem, das amendoas coloridas, exclamará talvez este bello heroico do seu collega Tello, o negro d'Alcantara:

«Sinto o calor dos tropicos na pinha!»

E era o Sergio quem o dizia n'aquella engraçadissima parodia do Thomaz de Mello ao *Othello*! Tambem já lá vai...!

E assim se foi tambem João de Mendonça, professor e jornalista dos mais antigos de Lisboa, redactor do *Diario de Noticias* e que collaborou por vezes no OCCIDENTE.

Rendamos preito á memoria dos mortos. Paz ás suas almas.

João da Camara



AS NOSSAS GRAVURAS

POSTO DE DESINFECÇÃO PUBLICA DE LISBOA

A recente publicação do livro: *A desinfectação publica de Lisboa*, obra proficentemente escripta e documentada pelo illustre director do *Posto de desinfectação de Lisboa*, o academico sr. Guilherme José Ennes, deu logar a que pudésemos apresentar aos nossos leitores, algumas indicações acerca de tão util estabelecimento, o primeiro que se funda em Portugal ficando assim dotada a cidade com uma das mais importantes instituições de hygiene, já de muito tempo reclamada pela sua necessidade n'um centro de tão densa população como a capital.

O sr. conselheiro Guilherme José Ennes, de que damos o retrato, é um dos nossos mais distinctos medicos militares. As suas obras sobre assumptos de hygiene publica e de medicina militar valeram-lhe o entrar para a Academia Real das Sciencias.

No estrangeiro, em varios congressos scientificos, tem representado Portugal e submettido á honrosa sanção d'esses congressos valiosissimos trabalhos sobre hygiene, etc.

Os innumerados e importantes serviços prestados ao paiz e especialmente á cidade de Lisboa, não tem ficado sem distincta recompensa, assim hoje possui varios habitos e medalhas nacionaes e estrangeiras. Em 1891 foi nomeado director do hospital da Estrella, honrosa commissão que deixou para se entregar completamente á direcção do Posto. Da sua actividade, competencia e dedicação, a sua obra diz mais do que poderíamos escrever.

Soccorrendo-nos, pois, d'esse trabalho do qual gentilmente nos foi offerecido um exemplar pelo seu distincto auctor, offerta que muito agradecemos, acompanhamos com o presente artigo as nossas gravuras.

Sendo a desinfectação moderna uma valiosa conquista dos nossos dias, póde afirmar-se que não só nasceu das doutrinas microbianas, pois que comprehende a destruição dos germens pathogenicos, mas sim tambem da necessidade de purificação, scientificamente feita, dos meios contaminados.

As grandes machinas esterilizadoras, os aparelhos proprios, os liquidos, os gazes empregados, a sua complicada technica, a organização regular d'este novo genero de serviço publico, é innegavelmente obra dos fins do seculo xix.

Foi em 1892, quando lavrava o cholera no meio da França e que invadira já a Hespanha pelo norte, manifestando-se alguns casos nas provincias vascongadas, que então se adoptaram extraordinarias medidas, em Portugal, contra a ameaça da invasão da terrivel epidemia. Havia-se organizado a defeza na fronteira, nos pontos atravessados pelo caminho de ferro, estabelecendo-se a desinfectação pelo vapor humido sob pressão.

Com parte dos aparelhos e machinas adquiridos por essa occasião, iniciou-se o Posto de Lisboa que, depois de varios projectos, se estabeleceu definitivamente. Achando-se hoje situado no antigo *Caminho Novo*, no centro da maior depressão de um corrego do contraforte da Estrella, confina pelo E com aquella viella, hoje transformada n'uma bella rua denominada *João das Regras*; a O. com o bairro *Brandão*, de que é separado por uma alta muralha; ao N. com o extincto convento das

Francezinhas, actualmente asylo escola de costureiras e creadas de servir e ao S. com o extincto convento das Inglezinhas. Esta situação, que é magnifica, permite ao Posto uma serie de vantagens, e entre ellas o estar n'um dos mais populosos bairros da cidade — o da Esperança. A construcção do Posto data de 1893, aproveitou-se a agua de um poço que alli existia, e todas as dependencias foram construidas envidando o illustre director todos os esforços para que a verba dispendida fosse a menor possivel.

A nossa estampa do alto das paginas 84 e 85 mostra bem a vista geral do Posto.

Para a sua descripção, demos logar áquella que apresenta o sr. Guilherme Ennes, no livro já citado:

«O posto está dividido e em duas zonas, convenientemente isoladas, e cada uma com a sua entrada peculiar.

Consta de oito edificios, distribuidos pelas duas zonas, a saber:

- a) Edificio principal ou officinas;
- b) Administração;
- c) Telheiro para a desinfectação de vehiculos;
- d) Forno de incineração;
- e) Officina de reparações;
- f) Armazem de desinfectantes;
- g) W. C.;
- h) Poço e reservatorio para o abastecimento de agua.

Edificio principal — É composto de tres alas e de um corpo central, disposto em forma de T, havendo dois annexos collocados nos angulos reentrantes da parte superior da haste do T.

As suas dimensões geraes são 41 metros de comprimento, na direcção de leste para oeste; e 30 metros, na de sul para norte.

Do corpo central irradiam as tres alas, communicando-se aquelle com as duas adjacentes e no mesmo prolongamento por dois arcos amplos.

A ala oriental é destinada a deposito dos objectos infectados; o corpo central a laboratorio da carga das estufas. A ala occidental está dividida em duas partes distinctas e incommunicadas, durante o trabalho de desinfectação.

A primeira parte d'esta ala, continuação da já mencionada e do corpo central, contem um tanque para a imersão das roupas maculadas por nodos sanguineos ou outras; e um refeitório, cuidadosamente resguardado para serviço do pessoal impedido. É na parte d'esta ala onde se faz o serviço da *flambagem*. A segunda parte é destinada á desinfectação do pessoal d'esta zona, e consta de um *lavabo* com quatro bacias de marmore, servidas cada uma por sua torneira articulada, e convenientemente dispostas e aparelhadas para satisfazerem a um serviço expedito, despejando todas com rapidez para um esgoto proprio; de um vestiario, onde os empregados guardam as suas roupas usuas e vestem o fardamento adoptado no serviço; de uma casa grande de banho e douche, com uma grande piscina forrada de marmore com a superficie de 4 metros quadrados; e de uma outra casa de banho, reservada ao pessoal superior, com uma tina de marmore e um douche de crivo.

Tanto a agua da piscina, como a da tina, é aquecida pelo vapor. É visto estarmos no lado da zona impedida, d'onde se não póde sair, por as portas sómente se abrirem pelo lado da zona limpa, e unicamente nas occasiões e casos prescriptos no regulamento e ordens de serviço, interromperemos a descripção do edificio para completarmos a de toda a parte *suspeita*.

A entrada privativa para esta parte faz-se por um portão de ferro que deita para a rua de João das Regras, e está levantado na extremidade sul do muro, que isola da via publica os terrenos do estabelecimento. Esta entrada tem ao lado um edificio destinado a um posto de policia, a fim de melhor se garantir a entrada dos objectos inquinados, e impedir por ali a saída de pessoas ou cousas. Do portão passa-se, por uma pequena avenida arborizada, para o largo da zona impedida, bifurcando-se, logo á entrada n'este, em duas estradas, dirigindo-se um ramo, que é o directo para o

Telheiro de desinfectação de vehiculos. — edificio de 10 metros de comprimento por 7^m,5 de largura, repousando sobre seis soccos de cantaria, e coroados com abacos da mesma pedra. A estrada continua até ao portão de passagem para a zona limpa.

O outro ramo passa encostado ao edificio principal, sendo por eile que seguem os vehiculos carregados de objectos infectados, indo encontrar-se com o caminho directo junto do portão de ferro já referido.

Forno de incineração. — Proximo do telheiro que fica indicado, ao lado esquerdo da estrada

POESIAS DIVERSAS

TEXTO

VERSIONE

À SANTIDADE DE LEÃO XIII. P. O. M.

ALLA SANTITÀ DI LEONE XIII. P. O. M.

No lugubre cerrar d'um seculo que expira
Em tristeza que enerva, em duvida que allue,
Tudo, rasão, justiça, e throno, e espada e lyra,
Tudo convulso oscilla e se entrebate e rue.

No fumegantê ruir, ao crescer da treva,
Só a vós, vizinho ao Ceu, vejo, Senhor, de pé:
E a vós, meu turvo olhar, minha alma a vós se eleva
N'um soffrego anhelar de luz, e paz e fé.

José de Sousa Monteiro.

(Entalhos, etc. pag. — 67.)

Presso al lùgbre fin d' un seculo che spira
In tristezza che snerva, in dubbio che dissuade,
Tutto, ragion, giustizia, e trono, e spada e lira,
Tutto convulso oscilla, e fra sé cozza e cade.

Fra sí orrendo sfacelo e il tenebror che incalza,
Sol voi, prossimo al Ciel, veggo, o Signore, in pié:
E a voi il mesto mio sguardo, a voi l'alma s'innalza
In nn vivo desir di luce e pace e fé.

Prospero Peragallo.

directa, está collocado o forno de incineração, onde se inutilizam, pelo fogo, todos os objectos sem valor, ou os que seus donos mandam destruir por aquelle processo, ou os que, pelo seu estado de mau uso e mesmo de sordice, se julga mais conveniente reduzir-os a cinzas.

Zona limpa. — Continuemos a interrompida descripção do edificio principal, que momentaneamente abandonámos, obrigados pela necessidade de maior clareza de methodo, a fim de não confundir o que está perfeitamente distincto na traça e execução dos edificios, e em obediencia á harmonia das funções d'estes ou das partes que os compõem.

A ala do norte occupa a posição da haste do T, prolongando se conseguintemente com o corpo central e tendo o comprimento de 20 metros.

Consta esta ala de um grande salão, onde se faz a apartação e sellagem dos objectos desinfectados, e ao fim de uma camara de enchugo. Na parte em que esta ala confina com o corpo central, levantam-se tres arcos, em cujos intervallos se assentaram os tres aparelhos de desinfecção, ficando todo o corpo das estufas para o lado limpo, e as boccas de entrada quasi no mesmo plano dos pannos de tijolo que fecham totalmente os intervallos dos arcos e seus pés direitos até acima. Em cada um d'estes está praticado, ao lado de cada aparelho, uma vigia com o vidro e caixilho fixos, para a troca de signaes e copia das relações dos objectos entrados na estufa.

Os annexos já acima indicados, são dois. O do lado do poente, destinado aos geradores de vapor, com uma divisoria para carvoeira, communica com a ala por dois arcos que permittem observar as operações que se executam n'uma ou n'outra parte, e especialmente o serviço dos geradores de vapor.

São duas as caldeiras, ambas cylindricas e verticaes, tendo uma 5 metros quadrados de superficie de aquecimento, e a outra 14 metros quadrados.

Uma conducta geral leva o vapor aos aparelhos de desinfecção, derivando igualmente d'ella a distribuição para a flambagem, e para o pulsometro do poço, que mais adiante descreveremos.

Toda a tubagem do vapor ou da agua é conduzida por canos abertos, tendo a parte superior resguardada por chapas de ferro estriado. Alguns d'estes canos são duplos, sendo a parte inferior reservada a exgotos com aberturas, armados de syphões.

O annexo do lado oriental é destinado á camara de sulfuração. É esta abobadada com a alvenaria guarnecida interiormente com cimento. Tem dois vãos fechados com portas de carvalho, contornadas com tiras de caoutchouc para as tornar estanques, communicando uma com a ala do nascente, por onde se faz a carga, e a outra com o telheiro que abriga a camara, pela qual se faz a descarga. Interiormente está dividida em duas camaras, servindo a segunda ao nivel geral dos edificios, para n'ella se exporem á acção sulfurosa os artigos que não podem ser desinfectados pelo vapor humido sob pressão. O pavimento d'esta camara, sendo gradeado, faz com que os objectos expostos sejam envolvidos n'uma atmospherica densa d'aquelle gaz. O enxofre é queimado n'um forno collocado exteriormente, de onde invade a primeira camara e depois a segunda, obtendo em ambas pressão, porque o gaz desenvolvido pelo fogo vae-se comprimindo, impellido pelo ar introduzido por uma ventoinha collocada lateralmente. Esta mesma ventoinha serve para despejar as duas camaras, escapando-se o gaz por uma chaminé, cuja abertura está praticada na parte superior da segunda camara, e disposta de modo que a sua porta ou a obtura, ou põe em communicação a atmospherica das ditas camaras sem outro derramamento com o ar exterior. Em alguns minutos o gaz, impellido pela ventoinha, despeja completamente o espaço, permitindo ao pessoal o trabalho de descarga sem o minimo incommodo.

Quanto á administração do Posto faz-se ella em um edificio especial, perfeitamente adequado.

O pessoal do Posto compõe-se de vinte empregados de diversas categorias.

O custo do estabelecimento, como hoje se vê, importou, no total de 43:728\$793 réis, sendo a verba dos edificios de 28:030\$690.

O exito que este estabelecimento logrou, pois as receitas já não vão longe de compensar a despesa, a medida de alto valor hygienico que representa, levou-nos a mostrar aos nossos leitores que felizmente Lisboa já possui uma instituição publica tão util, como será para desejar se torne cada vez mais pratica.

A INDUSTRIA DAS TAPEÇARIAS EM PORTUGAL

(CONTRIBUIÇÕES PARA A SUA HISTÓRIA)

(Concluido do numero antecedente)

No reinado de D. João V, estabeleceu-se em Portugal uma officina de tapetes no genero dos pannos de Arras. Assim se vê de um dos epigrammas latinos de D. Luiz Caetano de Lima em honra do galante monarcha, epigramma transcripto pelo sr. Sousa Viterbo a pag. 68 do seu já citado livro *Artes e artistas em Portugal*.

A essa fabrica não se refere José Accursio das Neves, que na sua interessantissima obra *Noções historicas, economicas e administrativas sobre a produção e manufactura das sedas em Portugal*, consagra á tapeçaria a primeira parte do capitulo XIX. Escreve, porém, que em 1771, existia em Lisboa uma officina de tapetes, que foi annexada á Real Fabrica das Sedas do suburbio do Rato, por contracto assignado no 1.º de julho d'esse anno, com o mestre, *João Gonçalves*, natural de Lisboa. Seria acaso essa fabrica a instituida sob os auspícios de D. João V, ou seria pelo menos d'ella derivada?

José Accursio das Neves diz que a fabrica teve sufficiente laboração, e que d'ella sahiram obras muito bem acabadas. Em 1776, porém, segundo um mappa das fabricas a esse tempo annexas á Real Fabrica das Sedas, mappa que se encontra no volume manuscripto U-5-16 da Bibliotheca Nacional, — sete pessoas, apenas, occupava n'aquelle tempo a officina de tapetes.

N'esse manuscripto, ha uma conta da receita e despesa da Real Fabrica das Sedas e suas annexas, desde de 16 de agosto de 1757, — data em que os edificios, moveis e utensilios passaram da mão de particulares para a administração do estado, — até ao fim de 1776. Vê se d'essa conta que a fabrica de tapetes contribuiu para a verba *empates* com a quantia de 942\$375 réis, quando tal verba se elevava a 668:903\$338 réis. Ha na mesma conta um lançamento que deixa perceber, como os dados anteriores, que a fabrica de tapetes teve sempre um movimento incomparavelmente mais restricto do que a de sedas ou a de faianças. É o seguinte: — «Teares, obras e moveis para a fabrica de tapeçaria, de que é mestre João Gonçalves — 102\$893 réis».

O citado Accursio das Neves, a quem se devem os mais curiosos e elucidativos trabalhos acerca da nossa actividade industrial na época pombalina, — diz que a fabrica de tapeçarias, sendo d'aquellas cuja conservação não agradou á junta administrativa das fabricas, foi traspassada, por condições de 28 de janeiro de 1778, ao seu mestre e antigo proprietario, João Gonçalves, concedendo-se-lhe o uso gratuito do edificio por tempo de cinco annos, durante os quaes prevaleceriam os antigos privilegios e isenções, e cedendo-se-lhe, pela quantia de 146\$005 réis, pagavel n'aquelle mesmo prazo, a mobilia e materiaes. Gonçalves obrigava-se a ter dois officiaes effectivos, que trabalhassem não só em alcatifas novas, mas tambem em concertos, e em quaesquer outras obras da especialidade.

Não se manteve por muito tempo a fabrica de João Gonçalves. Acabou por si, diz Accursio das Neves, tendo dado de perda ao Estado, 2:873\$301 réis.

Por esse tempo, montaram-se outras fabricas de tapetes: — a de Tavira e a de Extremoz. Foram tentativas ephemeras.

Tendo encontrado em livros da extincta Junta do Commercio (hoje guardados na Torre do Tombo) registos de diversos documentos referentes a

essas duas fabricas, posso ampliar as noticias que sobre ellas nos dá o benemerito Accursio das Neves.

A fabrica de Tavira destinava-se á manufactura de tapeçarias de lã, seda e algodão e á de alcatifas de todas as qualidades, no genero das que importavamos da Europa e da Asia. Foram seus instituidores *Pedro Leonardo Mergoux*, francez, e *Theotónio Pedro Heitor*.

A Junta do Commercio, consultada sobre o requerimento em que os dois industriaes pediam para a sua empreza o auxilio do governo central, deu parecer favoravel, excepto quanto ao emprestimo, que pediam, de quinze mil cruzados (6:000\$000), por espaço de dez annos, visto ser avultada a importancia.

«Não merecendo (Mergoux e Heitor) a maior confiança, na falta de bens proprios, que assegurem o referido pagamento, não obstante que a elle sujeitem, como especial hypotheca, a dita fabrica, em que devem empregar aquella somma, visto que as manufacturas d'esta natureza não têm o maior consummo, pela differença do seu custo a respeito de quaesquer outros ornatos, faltando o qual, naturalmente poderá enfraquecer, de sorte que nem ainda as materias existentes cheguem a cobrir a importancia do seu empenho, não tendo os supplicantes, como fica ponderado, forças para supportarem qualquer empate ou prejuizo, que possa sobrevir-lhes.»

A Junta, considerando, porém, que, sem o pretendido soccorro, se não poderia estabelecer a fabrica, suscitou o alvitre de lhes serem emprestados os seis contos de réis, com fianças idoneas.¹ Não sei se esse alvitre foi accedido. O que é certo, é que Pedro Leonardo Mergoux e Theotónio Pedro Heitor obtiveram a somma que desejavam, e que a fabrica foi instituida, por immediata resolução de 31 de maio de 1776, e alvará da mesma data, sob as seguintes condições:

1.º — Que gozarão de aposentadoria activa e passiva, para obterem a propriedade com as accommodações necessarias para o dito estabelecimento, em quanto bem satisfizerem o respectivo aluguel; com obrigação, comtudo, de a restituirem no mesmo estado em que a acharem, quando n'ella queiram fazer algumas accommodações proprias para a sobredita fabrica;

2.º — Que pelo cofre do donativo dos quatro por cento, se lhes emprestem seis contos de réis, por tempo de dez annos, percebendo logo a metade, e a outra metade passado o primeiro anno do dito estabelecimento; os quaes devem restituir sem pensão alguma de juros, da maneira seguinte: Tres contos de réis no undecimo anno, contado do primeiro pagamento que receberem, e os restantes tres contos de réis no duodecimo; a que obrigaram suas pessoas e bens, cada um por si e um por ambos *in solidum*, e, como especial hypotheca, a mesma fabrica;

3.º — Que poderão tomar o numero de aprendizes que n'ella quizerem admittir, com tanto que nunca possam deixar de ter, ao menos, seis effectivos, os quaes serão matriculados na Junta do Commercio d'estes Reinos e seus dominios;

4.º — Que gozarão da isenção de direitos, encargos e mais pensões, por entrada, em todas as alfandegas d'estes Reinos, os materiaes que mandarem vir de fóra, e lhes forem necessarios tão

¹ Consulta de 9 de junho de 1774, reformada em 5 de dezembro de 1775 (Liv. 12.º de registo de consultas, alvarás, etc., fls. 89 v.º).

POSTO DE DESINFECÇÃO PUBLICA DE LISBOA

sómente para o consumo da dita fabrica; o que se entende não os havendo proprios no Reino, com os quaes se praticará a mesma isenção de direitos;

5.º — Que egualmente serão isentas de direitos e mais pensões, assim por entrada nas referidas alfandegas, como por sahida e entrada em todos os portos ultramarinos, e ainda por sahida para os estrangeiros, todas as manufacturas que na dita fabrica se executarem;

6.º — Que o privilegio exclusivo concedido a João Baptista Locatelli, na condição primeira das que fazem parte do regio alvará de 18 de Setembro de 1769, para a compra e venda de algodão em Evora, em rama, para o consumo do Reino, não comprehenderá a fabrica dos supplicantes, os quaes terão liberdade de o comprar a quem bem lhes parecer, e ainda directamente á Companhia Geral do Grão-Pará, sendo-lhes até permitido mandal-o vir de fóra, isto é, das conquistas e dominios d'estes Reinos, por sua conta, á excepção dos portos do commercio exclusivo, gozando os ditos erectores a mesma graça de isenção de direitos que é permitida ao dito Locatelli, contida na quarta das referidas condições;

7.º — Que os erectores, officiaes, aprendizes e mais operarios gozem dos mesmos privilegios que são concedidos ás mais fabricas d'estes Reinos, especialmente os conteúdos no capitulo setimo dos estatutos da Real Fabrica das Sedas, sendo, comtudo, obrigados a apresentar cada anno á Junta do Commercio uma relação de todos os sobreditos individuos na dita fabrica empregados para se verificarem n'elle os mencionados privilegios;

8.º — Que a Junta do Commercio ficará sendo inspectora da dita fabrica, assim como o é de todas as d'estes Reinos, e juiz conservador o superintendente das alfandegas das provincias do sul, tanto para as dependencias d'ella, como para passar as competentes attestações n'aquelles districtos, para se verificarem as isenções de direitos nas manufacturas e materias, mencionadas nas condições terceira e quarta, acima indicadas;

9.º — Que todas as referidas graças e privilegios conteúdos n'estas condições tenham o seu devido effeito por espaço de dez annos successivos; e se entendem concedidos á fabrica, e não ás pessoas dos ditos erectores, de sorte que os herdeiros que os substituirem, possam do mesmo modo continuar n'aquelle estabelecimento, ficando egualmente obrigados á satisfação do dito empréstimo e mais encargos, a que se sujeitem os mencionados erectores...

Palacio Nossa Senhora da Ajuda, em 31 de Maio de 1676. — Marquês de Pombal 1.º

1 Junta do Commercio, liv. 14.º de registo de cont., alv., etc., ff. 169 v.º.

Em 18 de novembro d'esse anno, matriculavam-se como aprendizes: Pedro de Athayde Tavares, Pedro da Costa, José Freire, José Antonio de Oliva, José Alvares de Gaiva e Francisco Dias Peres de Oliveira 1.

O primeiro veio depois a exercer o lugar de almoxarife de Mafra, e teve a qualificação de *tapeceiro da real casa de Bragança*; e José Freire, ainda no anno de 1827, em que José Accursio das Neves escrevia, era *tapeceiro*, e fiel do thesouro, no paço das Necessidades.

Esse titulo porém, de *tapeceiro*, — accrescenta o já tantas vezes citado escriptor, — era puramente nominal. Comtudo, ha em Mafra um tapete com desenhos geometricos, e, ao centro, um florão, tapete que tem na orla as letras P. T. M. R. (evidentemente — Pedro Tavares, Mafra Real), e a data 1816.

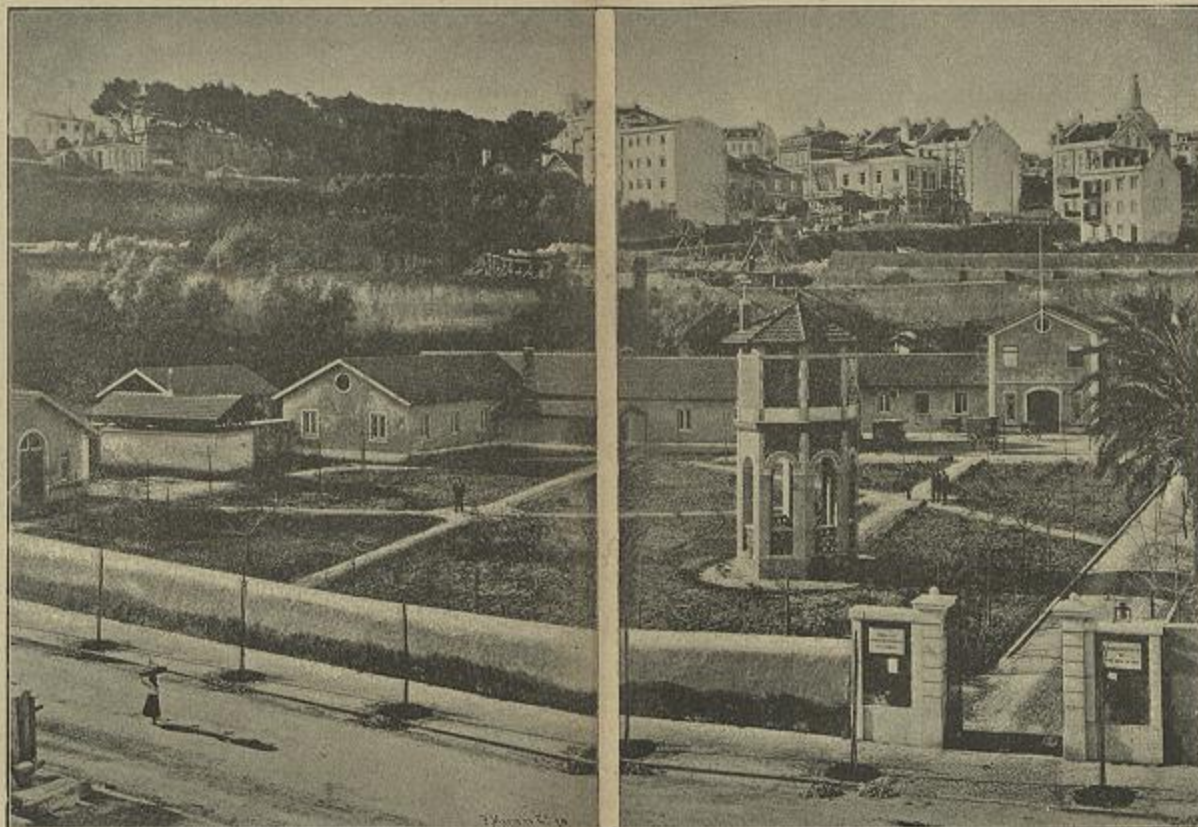
A fabrica de Tavira acabou, segundo Neves, ahi por 1783. A de Extremoz era exclusivamente de alcatifas *lambel*, vulgarmente chamadas *papagaos*.

D. Maria 1, conformando-se com o parecer da Junta do Commercio, de 10 de Dezembro de 1703, 2 concedeu ao rector da fabrica, Francisco Mailhol, por immediata resolução de 19 d'aquelle mez e anno, e alvará 27 de março de 1794, privilegio exclusivo por quinze annos, e, pelo mesmo tempo, as seguintes graças e isenções:

«Que ao supplicante seja licito fazer collocar no alto principal da sua fabrica, ou esta permaneça em Extremoz, ou se mude para outra qualquer terra d'este Reino que melhor conta lhe faça, as armas reaes, e usar da denominação de *Real Fabrica de Alcatifas*;

Que assim ao mesmo supplicante, rector, como a todos os artifices, aprendizes e obreiros, enquanto se occuparem na fabrica de alcatifas, sendo matriculados por taes perante o dito Tribunal (Junta do Commercio), se guardarão os mesmos privilegios que se acham

1 Vid. o termo a ff. 37 do liv. 63 da Junta do Commercio.
2 Junta do Commercio liv. 35.º de reg. de consal., alv., etc., ff. 245.



VISTA GERAL DA ZONA DESIMPEDIDA

concedidos ás mais pessoas empregadas nas outras fabricas privilegiadas, e especialmente nas da Covilhã e Portalegre;

Que todos os generos que se comprarem, dentro ou fóra do Reino, para a laboração e consumo da mesma fabrica, não sendo lã e linho fiados em paizes estrangeiros, sejam isentos de direitos de entrada e sahida nas alfandegas d'estes Reinos e suas conquistas, precedendo a qualificação inalteravelmente observada em taes circumstancias; Que da mesma fórma, e sem differença alguma, gozarão de igual isenção de direitos todas as alcatifas manufacturadas na sobredita fabrica, as quaes poderão ser selladas com o sello particular d'ella, cujo uso se lhe permite, sendo, comtudo, qualificadas, como costumam ser todas as manufacturas nacionaes;

Que, finalmente, durante o referido tempo dos quinze annos do privilegio exclusivo, se devem entender concedidas todas as ditas graças e isenções á dita fabrica, ou esta se ache ainda no dominio do supplicante, ou de qualquer outra pessoa que o represente, por via de successão ou de contracto 1.

A fabrica de Extremoz teve a sorte das outras: pouco durou.

O consumo era extremamente limitado: não excedia a vinte e cinco peças por anno, como declarava, no seu requerimento, Francisco Mailhol.

Quando, depois da ultima invasão franceza, a Junta do Commercio ordenou aos ministros criminaes dos bairros de Lisboa e aos corregedores das diversas comarcas da provincia, que cada um lhe enviasse um mappa das fabricas existentes no seu districto, não havia no paiz nenhuma fabrica, — propriamente dita, — de tapeçarias.

Neves, no tomo 1 das suas *Varietades sobre objectos relativos ás artes, commercio e manufacturas*, traz um mappa geral compendiando as diversas informações remetidas á Junta. Pois nem uma só fabrica de tapeçarias ou alcatifas vem n'elle mencionada. A nossa actividade n'esse ramo, era

então representada unicamente pelas tentativas de Pedro Tavares, em Mafra.

E foram as ultimas, — creio eu.

José PESSANHA.

VULGARISAÇÃO

O FABRICO DO LAPIS

Não é remota a origem de tão util instrumento, o qual, durante longos annos, foi pelo desenhista considerado como auxiliar indispensavel. Desconheceram-n'o ainda os grandes artistas do alvorecer da Renascença, e quando, algum tempo depois, em pleno seculo XVI, começou a tornar-se conhecido, era elle apenas obra tosca, de caracter assaz primitivo, e bem differente do perfeitissimo artefacto, cujo uso é, ainda hoje, tão geral, posto tenda a ser supplantado, no dominio das artes, pela penna e por outros inventos de indole menos graphica, e que melhor satisfazem as exigencias da superior educação do moderno desenhista.

Poucos haverá, que não conheçam o lapis de *plumbagina*, ou *mina de chumbo*, e portanto, dispensar-nos-hemos de o descrever. Dão-lhe os francezes o nome de *crayon*, termo falsamente applicado, e proveniente de um producto mineral de recursos muito mais limitados, que foi como que o precursor do lapis de graphite, ou *plumbagina*.

Os primeiros lapis, no actual sentido da palavra, foram fabricados em Inglaterra; o invento deve a sua existencia ao achado fortuito, no meiodo seculo XVI, dos jazigos de graphite de Borrowdale. E' por ora obscura a historia da fabricação do lapis nos paizes do continente europeu; e, sabe-se apenas que, já entrado o seculo XVII, existiam fabricas de lapis em Allemanha, sendo a cidade de Nuremberg a principal séde d'esta industria, que ali se tem mantido sem interrupção até

aos nossos dias, desenvolvendo-se e aperfeçoando-se successivamente.

Divergem completamente os processos adoptados pelos fabricantes allemães d'aquelles que empregavam os inglezes, seus percursores, e que eram simples e primitivos, quanto possivel.

A graphite, em estado bruto, era serrada em tiras, que depois se fragmentavam em hastas curtas, estreitas e assaz irregulares em dimensão, servindo-se, para o conseguir, de uma serra de mão, pequena e mais fina. Mettiam depois as hastas de graphite em canudos de madeira ou de cana, aos quaes eram fixadas com grude.

Durante quasi um seculo tiveram os inglezes o privilegio absoluto de tal fabrico: nação alguma dispunha de elementos para competir com elles. O Estado impunha absoluto segredo com respeito á existencia dos seus thesouros de graphite, e as leis castigavam com o maximo rigor toda e qualquer indiscreção — comtudo, singular imprevidencia, parece que não se oppunham obstaculos á extradição dos residuos e do fio da graphite.

Foi esta circumstancia que veio a dar origem ao fabrico allemão do lapis. Um industrial de Nuremberg teve a luminosa ideia de moer e peneirar os residuos do mineral, condensando-os depois em massa, por meio de colla animal. D'então para cá, empregou-se na Bavieira, successivamente, a gomma de peixe, o grude, a resina e o enxofre; outros paizes, com menos felizes resultados, adoptaram methodos semelhantes. A massa era serrada em tiras e subdividida em pequenas hastas, por processo identico ao dos inglezes.

Os lapis eram imperfeitissimos e, para os aparar, tornava-se necessario humedecer ou queecer a graphite, por causa da dureza da colla que a pegava ao invólucro de madeira. Ahi por 1795, um fabricante francez, por nome Conté, lembrou-se de misturar na graphite uma porção de argila, variavel, consoante o grau de brandura e profundidade de tom que se pretendia imprimir ao lapis.

A adopção geral, por parte dos artistas, do des-

cobrimto de Conté, veio prejudicar sensivelmente os fabricantes do lapis de graphite, e mormente os inglezes. Conté tornou-se muito mais facil e economica a produção do lapis — estes eram, por assim dizer, moldados á mão, e reuniam a vantagem, por serem muito mais grossos, e menos quebradiços, de dispensarem involucro de qualquer especie. Luctavam, tambem, ainda n'essa epoca, os fabricantes com o relativo atraso dos processos industriaes, e diga-se, em sua honra, que não desanimavam com a concorrência, antes lhes serviu esta de estimulo para o extraordinario aperfeçoamento que vieram successivamente imprimindo aos seus productos.

Soffreram mais que outros quaesquer os inglezes, devido comtudo, em grande parte, a outra causa: — as suas ricas minas de graphite foram-se, pouco a pouco, exgotando.

E' muito mais complicada do que, á primeira vista, se julga, a preparação do lapis de graphite. A transformação da materia prima em producto industrial depende de successivos processos, delicadissimos, e falliveis por vezes, ainda hoje, alguns.

Adoptando o meio que nos parece melhor e mais rapido afim de iniciar o leitor nos interessantissimos segredos de tão admiravel e formosa industria, transportal-o hemos ao maior e mais consideravel centro de produção que hoje existe: — a de Johann Faber, em Nuremberg.

O fabrico do lapis anda, desde a sua implantação na Bavieira, em pleno seculo XVII, em mãos dos membros da familia Faber. — Em 1876, era representada da firma A. B. Faber, e d'esta se separou Johann Faber, que montou estabelecimento por conta propria, introduzindo notaveis aperfeçoamentos nos methodos de fabrico.

A materia bruta é importada, quer por elle, quer pelos restantes fabricadores, da Bohemia, Hespanha, Mexico, Ceylão, Russia, etc. O contingente fornecido pela propria Bavieira representa, aliás 90 %, do total da importação. Da Russia extrahem os Faber a graphite das minas Alibert, na Siberia, producto que, pela finura e outras condições especiaes, lhes facultou aperfeçoar em extremo a preparação do lapis de desenho, elevando-lhe a antiga escala graduada em quatro numeros, consoante a respectiva consistencia e intensidade de tom, a nada menos de doze numeros.

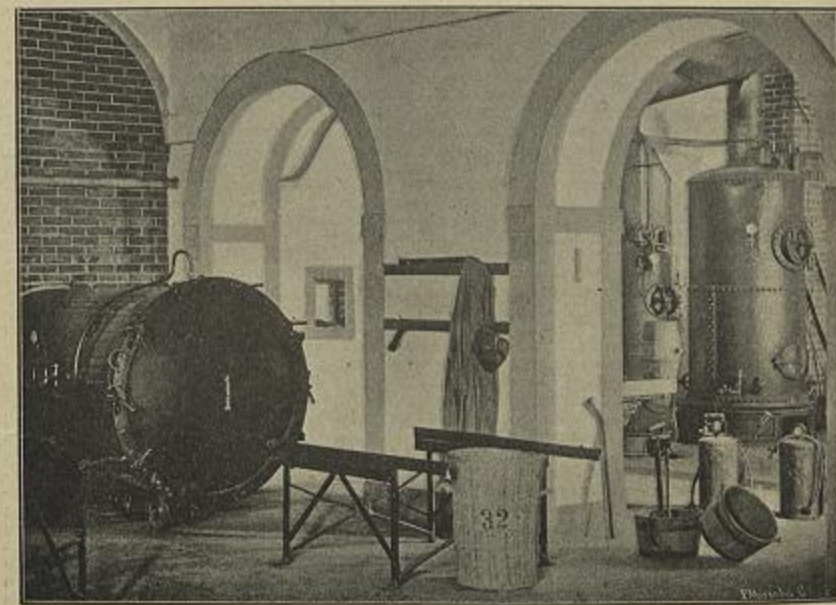
(Continua)

Pin Sél.



VISTA DA ZONA IMPEDIDA

1 Chronol. de D. Maria 1, liv. 47, ff. 34 v.º.



VISTA INTERIOR DA OFFICINA DE DESINFECÇÃO (ZONA LIMPA)

PORTUGAL EM 1760

V

Lisboa, 1 de setembro de 1760, à noite.

Tenho andado a visitar as ruínas causadas pelo sempre memorável terremoto que sacudiu os dois reinos de Portugal e dos Algarves e grande parte da Hespanha, e que se fez terrivelmente sentir na terra e no mar em muitas outras regiões, no anno de 1755, em dia de Todos os Santos. Misericordia! É impossível descrever o horrível espectáculo que essas ruínas apresentaram, e hão de ainda talvez apresentar por mais de um seculo, porque mais de um seculo será preciso para as remover. Por uma estrada que tem de extensão mais de tres milhas, e que era a via principal da cidade, não vi outra cousa senão enormes montões de calça, pedras e tijollos, accumulados ao acaso, por entre os quaes rompem columnas partidas em muitos pedaços, fragmentos de estatuas e de paredes, de milhares de modos. E noventa e nove por cento das casas que ficaram de pé ou inclinadas estão sem tecto nem entablamento, que ou foram arrancados pelos abalos repetidos, ou desastrosamente consumidos pelo fogo. E nas paredes ha tantas fendas, tantos buracos e tantos estragos, que não é possível de maneira nenhuma pensar em reparal-as e aproveitá-las para qualquer fim. Casas, palácios, conventos, mosteiros, hospitaes, egrejas, campanarios, theatros, torres, arcadas, tudo andou em indizível rodopio. Bastaria que visseis o palacio real, que extranho espectáculo, ó meus irmãos! Imaginae um edificio de muito bella architectura, todo construído de marmore e de pedras desmesuradas, pesado posto que muito alto, com as paredes mestras de tres pés liprandos¹ de espessura, e tão comprido por todos os lados que teria capacidade para conter a corte de um imperador do Oriente, quanto mais a de um rei de Portugal; comtudo, este edificio, que a grossura de suas paredes e sua modesta altura deviam tornar sólido como uma montanha de bronze foi tão ferozmente aluído que não admite concerto nenhum. E não somente as pedras e os marmores foram despegados e soltos pelos tremendos abalos da terra, mas ainda muitos ficaram partidos, uns em dois, outros em mais pedaços. As grossissimas grades de ferro foram umas tiradas dos seus logares, outras dobradas e torcidas, e outras partidas em duas pela mais tremenda e irresistível de todas as violencias naturaes. O caes da alfandega na margem do Tejo, que era todo de pedras quadradas e muito grossas, de doze ou quinze pés de largura, e outro tanto de altura, e que durante muitos e muitos annos tinha fortemente contido e reprimido o impetuossissimo furor das marés quotidianas, abysmou-se e desapareceu de repente, de tal modo que não ficou nenhum vestigio; e muita gente, que tinha corrido a elle para se salvar nas barcas amarradas aos seus grossos anneis de ferro, foi com barcas e tudo sorvida com tanto impeto para o fundo, como se alguma voragem se abrisse improvisamente debaixo da terra, de sorte que não só nenhum cadaver appareceu mais á tona da agua, mas nem sequer uma parte das suas vestes. Para onde quer que voltemos os olhos, não vemos senão ferros, paus e estacas de todos os feitiços collocados por toda a parte; não só para conservar em pé qualquer habitação que ainda reste, como para impedir que as paredes fendidas venham a baixo e esmaguem e soterrarem quem por alli passa. E, tendo tão grande flagello occorrido n'um dia da maior solemnidade, enquanto uma parte da população estava fazendo o jantar, e outra parte concorrera aos templos, a desgraça que cahiu sobre esta desventurada cidade foi por essas duas causas incomparavelmente muito maior do que seria, se a Divina Providencia mandasse tamanho exterminio n'um outro dia e n'uma outra hora, porque, além das numerosas pessoas que morreram em parte nas casas e em parte nas ruas, as que estavam accumuladas nas egrejas ficaram todas cruelmente esmagadas e sepultadas sob os tectos e cupulas d'ellas; pois que deveriam ter portas muitissimo grandes para offerecerem a todos meio de fugirem, de maneira que muito mais gente correu á morte nos logares sagrados que nos profanos. O espectáculo cheio de infinito horror vêr as pobres mães e os miserios paes, quer cingindo nos braços, quer arrastando pela mão os filhos espavoridos, correrem como allucinados para os logares mais desco-

bertos; os maridos desvairados pela furiosa dôr impellirem ou arrebatarem com desordenada pressa suas mulheres, e estas com mãos insensatas, mas extremosas, agarrar-se aos maridos desesperados, aos filhos, ou ás filhas, e os servos dedicados correrem esbafados com os amos enfermos ás costas, as esposas grávidas abortarem ou cahirem nas calçadas ou abraçarem-se, sem que nem para que, á primeira cousa que encontravam, e muitos homens meio despidos e muitissimas mulheres quasi nuas, e até os pobres frades com crucifixos na mão, fugirem não só das casas e dos mosteiros pelas portas e sahidas, mas deitarem-se até das janellas e balcões para escaparem, pela maior parte em vão, á terrível morte que se lhes apresentava por todos os lados! Quem poderia dizer, quem só imaginar os gritos confusos e horrendos d'aquelles que fugiam, ou já feridos ou no risco imminente de o serem; e os gemidos frequentes dos que, sem serem privados da vida subitamente, ficavam cruelmente comprimidos debaixo das proprias ou das alheias casas derrocadas! E, comquanto pareça caso extranho e impossível, comtudo a muitos infelizes succedeu acabarem debaixo d'aquellas ruínas sem terem recebido a minima ferida ou choque d'ellas. E ainda é viva uma pobre velhinha que foi tirada de uma adega depois de lá estar mettida, e como soterrada pelo terremoto, e onde conservou a vida, nutrido-se de cachos de uvas, que felizmente poucos dias antes havia pendurado no tecto, para se conservarem, como aqui se usa comumente. Os miserandos estropiamentos e as mortes extraordinarias produzidas por tão calamitoso successo foram innumeráveis; e innumeros os paes que perderam, uns toda a sua prole, outros parte d'ella, assim como os filhos que perderam seus paes; e pouquissimas as familias que não ficaram, estas sem o pae, aquellas sem a mãe, outros de um ou de mais filhos, ou de algum parente proximo ou consanguineo; em summa, todos, sem excepção soffreram prejuizo, ou na vida, ou nos bens; porque, estando, como já disse, accesos todos os lares, por ser exactamente a hora em que em todas as casas se estava preparando o jantar, e brilhando nos templos infinitos lumes para a solemnidade do dia, o rolar de todos esses lumes pelos numerosos pavimentos de madeira, a queda dos sagrados candelabros sobre os altares, o fenderem-se as fornalhas e os tectos, e o encontro de tantas chammas com tantas e tantas materias combustíveis deu causa a que em muitas partes da cidade se espalhasse e ateasse n'um instante, o voraz elemento, o qual foi tão depressa auxiliado por uma incessante nortada, que não havendo quem pudesse acudir a apagar o incendio, tornou de prompto universal, e tendo-se arruinado os aqueductos que mettem a agua em Lisboa, dentro de poucas horas aquelle deplorabilissimo fogo acabou de encher de extrema e irremediavel miseria a angustiada gente que restava, a qual estupefacta de tão redobrados males, em vez de fazer alguma cousa, o deixou apoderar-se de tudo em liberdade, e correu, gritando e chorando loucamente pelos campos e prados, onde quem poudesse se havia refugiado para escapar ao primeiro damno. Alli o commum infortunio havia agglomerado toda a qualidade de pessoas; os maiores senhores e as principaes damas da terra, sem exceptuar os principes e princezas de sangue real, se encontraram na mesma situação que a plebe mais abjecta; e alli avultos que, por doença ou pelo jejum da vigilia antecedente, se acharam sobremaneira extenuados pela fome cahiram na noite seguinte desgraçadamente desfallecidos, e não poucos mortos de inedia, á vista do seu afflictissimo soberano, que durante todo aquelle muito deploravel dia não fez senão derramar por elles lagrimas amargas. E oh quantos poderosos, quantas senhoras e modestas donzellas foram alli constrangidas a implorar piedade e socorro, ou a soffrer de perto a repugnante companhia de sordidos soldados e de mulheres torpes, e a invejar n'essa occasião um bocado de pão esmolado, que um mendigo qualquer tirava do bolso para comer. Os muitos e tão gabados thesouros do Brazil ou de Gôa mal seriam então equivalentes, não direi a um pedaço de bolacha de bordo, mas nem ao menos á casca apodrecida do fructo mais vulgar, tão desesperada e universal se tornou em poucas horas a fome. Uma cousa, irmãos, que compunge indizivelmente o animo é visitar essas ruínas com algumas das pessoas que presenciaram tantas calamidades, e ouvi-las dizer a cada passo: Aqui repousa meu pae; alli foi sepultada minha mãe; além, a familia tal pereceu sem escapar nem um dos seus membros; acolá perdi o melhor amigo que tinha n'este mundo! Aqui estão os restos do palacio

do sr. fulano que se finou com todos os seus de uma vez, e aqui as ruínas d'aquelle bello templo em que para cima de quinhentos christãos se sumiram de repente! Cem frades que terminaram no mesmo instante os seus dias, em quanto cantavam no côro os louvores do Senhor; e este mosteiro perdeu cento e cincoenta freiras em menos tempo do que se profere o nome de Deus! D'aquelles rochedos escabrosos se precipitaram muitos cavallos e mulas aterrados, alguns com cavalleiros e outros com coches e carroças cheias da gente que levavam! Aqui estão os fragmentos do muro que cahiu em cima do embaixador de Hespanha, e alli os guardas que seguiam o nosso rei fugitivo foram subitamente arrebatados pela morte á sua vista real. Um estrangeiro que divagar por entre essas ruínas dolorosas ouve repetir aos que o acompanhavam milhares d'essas scenas afflictivas; e este interrompe aquelle para lhe contar outra mais cruel do que a primeira; e quem passa e attenta na curiosidade dos outros pára logo e com gestos cheios de terror, e com aspecto repassado de dôr, e palavras ainda trémulas, comquanto cinco annos tenham já decorrido apoz o dia fatal, te conta a triste historia das suas desgraças, e te informa das perdas irreparáveis que soffreu, e depois vae seu caminho a dar ais, cheio de tristeza. E te fazem depois novamente horrorizar todo, quando se recordam do frio, do vento e da chuva a potes que durante alguns dias immediatos ao terremoto causou a morte a muitos d'aquelles que tinham escapado á catastrophe, por estarem muito mal enroupados na hora desventurada da fuga; nem é para admirar que ainda se desatem em prantos, gemidos e soluços, senão em bramidos frementes, quando se lembram do tormentoso inteirangimento dos seus membros, tendo sido constrangidos a passar muitos dias e muitas noites sem o minimo resguardo contra a furiosa e insupportavel intemperie da enregelada estação. E a tantos, tantos e tantissimos damnos e males juntae a grande carestia de todos os viveres que os obrigou a comer não só a carne crua das gallinhas e animaes proprios para a alimentação, que tinham ao seu alcance, mas tambem a dos cães, dos gatos e dos ratos, e ainda a herva, as raizes, as folhas e a casca das arvores, para aplacarem a fome desesperada, mais do que para prolongar a vida. Varias teem sido as relações d'este infinito desastre que então correram mundo; e os portuguezes, quando o tempo começou a trazer algum remedio aos seus males, demasiado acerbos e intensos, calcularam que em mais de noventa mil pessoas foi dizimada a população só d'esta cidade; mas, dado que exaggerassem, a metade, como os desgraçados costumam fazer, nem por isso deixaria de ser sempre um facto digno da maior lastima e para eterna compunção. N'outra carta, meus bons irmãos, vos direi alguma cousa do estado actual d'esta metropole, que, ha cinco annos, pelo uumero dos seus habitantes, era considerada a terceira cidade da Europa. Adeus.

Alberto Telles.

CARTAS A UM PHILOSOPHO

I

Meu amigo, estou d'aqui a vêr a sua casa sita á orla da praia, no meio do marisco, que a vaga no refluxo deixava na areia: o porto do mar ficava mais longe, e por alli, n'aquella solidão, apenas vestida das gaivotas, só se ouviam as cantigas com que os pescadores acompanhavam a cadencia dos remos, ou então de vez em vez a detonação do tiro de espingarda d'algum caçador, que espreitava por detraz das marinhas os maçaricos reaes. A solidão era completa; e assim nós a enchemos de nossa conversa, ora passeando na praia, se o céu era azul e a tarde amena, ora sentados á sua vasta chaminé, se acontecia ennegrecer a atmosfera e o mar levantar se emparcellado. Tenho vivos na memoria os breves dias que alli passei, e quando me acontece vêr o mar, lembro-me a caça, o philosopho, e a paisagem, que ora sorria, ora chorava.

Era em os serões de ventania, que eu melhor o escutava, n'aquella sala terrea, onde a velha Maria do Carmo dormitava ao calor do lar, que lhe aquecia o corpo alquebrado, e onde o meu caro amigo repassava a historia dos homens, discutia seus feitos, os grandes seculos, e tambem fallava das artes e da poesia. A das cousas destruidas, sobretudo, encantava o; uma ruina, dizia o meu velho amigo, é a pagina do livro onde o povo soletra a lenda, que lhe aligeira, nas noites inver-

¹ Assim chamada esta medida, por ser de 0,514 de Luitprando rei dos lombardos, que a instituiu.

nosas, o poisio á lareira, onde se antevê o quadro festivo dos que tem paz no coração. A lareira é o fogo sagrado, que aperta os laços da familia; na chamma vermelha, que tremula no lar, antevê-se a alma do filho, que dorme no cemiterio; no crepitar das achas de lenha parece ouvir-se a voz amiga, que promette um provir bonançoso e céo azulado em mar sem escolhos.

O chão da chaminé com seu lume convida á conversação, e á troca de sentimentos, que, espontaneos como flôres desabrochadas ao sol, se communicam com a facil expansão dos que não sabem occultar segredos.

A lareira, contam-se lendas, historias de santas, crendices, vidas de santos do breviario; muitas vezes vem á baila fallar-se das grandes cidades, e então avultam as imagens, sobe de ponto a curiosidade, e o pae de familias, que tem o auditorio suspenso, nem sequer attenta que a felicidade só alli existe.

Nas grandes cidades a lucta é constante e a victoria incerta. De muitos que partem poucos chegam, e os poucos que realisam o sonho de todas as noites, encontram se extenuados ao cabo da carreira. Partem creanças e chegam velhos; perderam creanças que tiveram, e acharam desilusões que não tinham; brincaram com o destino, e quando demandam as sombras dos bosques e procuraram vagas reminiscencias dos annos que se evolaram, acham a natureza exuberante de vida fallando de seus amores como sempre, mas sem lhes dar alegria ao coração.—Ha então muitas saudades; a cruz alvejando por entre os silvedos é n'este ensejo thema para vasto meditar; o Evangelho, livro aberto, onde a alma alanceada encontra um vestido de balsamicos frescores, que é, como a grinalda dos mortos... preparo para o transitio!

O transitio é indefinivel; ultima romagem, é como que a derradeira nota d'uma lyra; sente-se e não se comprehende.

Muitas vezes tenho-me quedado scismador sobre a fria lapide, que separa dois mundos; o que ha depois da morte? Um dia...

Seguiam para a terra quatro ferretos.
Um levava um infante que sorria
Envolvido no candido sudario;
la noutro uma mãe, serena e fria.

O que atraz levavam para o tumulo
Era um doce e gentil adolescente;
Abraçava nas taboas funerarias
A morte, que o colhera inda innocente.

Fechava o saimento triste e lugubre
Um velho de cabello encanecido;
Chamara-o a voz do avô soturna e gelida
Ha cem annos na campa adormecido.

E eu pensava triste e melancolico
«Será materia só o que alli vês,
«E nada mais? — ou estes corpos lividos
«Vão ter uma outra vida... alem? — Talvez!

Talvez! Era então que o meu amigo inclinava sobre o peito a sua bella fronte já avincada, e assim ficava meditando largas horas; depois proseguia: — Quando os ultimos dias esmaiam a conversar tristemente com as serenas visões, que soamos vêr na juventude; quando na terra sertaneja a fallar de tristezas como um dia do outomno, ainda sentados no mesmo banco de pedra, julgamos ouvir o latido do velho rafeiro, que parece chamar nos, quando os echos repetem as vozes perdidas no fundo dos valleiros, e o vento que se levanta com a noite faz correr como loucas as folhas caídas, que parecem, revolvendo-se, imitar a voz dos ausentes; quando tudo avulta, colhendo alma, tomando fôrma, produzindo falla; então o transitio desta vida é como o adormecer da creança, que se aquieta sonhando no regaço de sua mãe.

A mãe dos velhos, que já a não tem, continuava ainda, é a patria, que mais não é que a urna das cinzas dos maiores a chamar os filhos, que ao fugirem para longe, sentem-se presos á lousa de seus paes pelas raizes do coração!

N'essa noite, penso que de outubro, o meu caro philosopho estava triste; ainda assim eu escutava-o attento, porque as suas impressões moraes traduziam-se em linguagem que até na conversação era eloquente e abundante de bons pensamentos.

Quando estava só no meu quarto repassava na memoria o que tinha ouvido: — esta noite, afinal o que me disse perguntava eu baixo á minha alma; e ella respondia-me: — Disse-te que a felicidade só existe na familia, no lar; que a morte é quasi alegre no meio dos seus, ou pelo menos

a conversar as sombras dos nossos queridos amores; e depois alem da campa?

Alem? — Respondia «talvez!»

II

A tarde esmorecia brandamente, e o sol já se estirava de soslaio sobre as vagas do Oceano; os barcos da pesca voltavam ao porto, e na praia quasi abandonada só se viam algumas creanças quasi nuas, brincando e rolando-se na areia: a lua ia levantar-se brevemente, e então a plaga ficaria deserta, solitaria, linda; e as ondas rolariam palhetas de prata, e para a porta dos palheiros viam os pescadores fumar o curto cachimbo e narrar suas aventuras do mar; a noite devia ser suave, como a face da *Madona* a sorrir ao *bambino*, e assim nós estávamos sentados no terraço da sua casa, meu caro philosopho, e conversavamos.

— O homem, dizia o meu velho amigo, é o Adão social expulso do eden, e á procura d'um paraíso; lembranças da felecidade já morta punge-lhe na alma, e symbolisado no Judeu Errante, caminha sempre; a lousa do sepulchro não lhe detem os passos, e ao adormecer para a vida, accorda para a...

— Então sempre accorda? depois da morte ha alguma cousa! atalhei, lembrando-me da ultima conversação.

— Ha a immortalidade: e continuou...

O transitio do homem através dos seculos é como a viagem dos cruzados á Terra Santa; deparam-se-lhe no caminho os ressequidos areaes, as brancas ossadas, as palmeiras verdejantes, e no fim da romagem, felizes os que hasteiam seu pendão de livres sobre o tumulo do Redemptor: — a idéa.

A idea, meu amigo, existe na taça de Socrates e na cruz de Christo: e quando os discipulos encontram a lousa revolvida, deparam com o *surrexit*. — É porque a idéa não morre. A historia é uma geometria inflexivel, factos isolados no espaço e no tempo concatenam-se aos olhos do pensador; e quando se medita a philosophia da historia, depara-se-nos a rasão d'este incessante caminhar.

A verdade é uma só, absoluta e indivisivel; mas nas suas manifestações é multipla; passar em revista os dramas da historia é revolver os prejuizos, os erros, as hecatombes dos que viveram por uma idea, os immensos esforços do Prometheu amarrado ao rochedo da sua ignorancia; esses esforços são verdades parciais, e por isso se traduzem em erros. Para realisar a completa civilisação é preciso attingir a verdade absoluta, o eu supremo; se já o tivéssemos conseguido, a humanidade não teria razão de ser, haveria o quedar-se dos mundos; o homem seria Deus.

O ser humano, muito bem o disse Pascal, nunca morre e aprefeioa-se continuamente: ainda que haja muito de fatal n'este desenvolvimento, é certo todavia, meu amigo, que no meio da ruina das instituições, que foram formosas, da decadencia dos imperios, que foram fortes, no meio da lucta incessante das idéas verdadeiras e falsas, santas e impias, encontra-se o dedo da Providencia, fazendo surgir por entre os destroços, o homem predestinado, que sustenta a civilisação que fenecce, e que, ou com a palavra ou com a espada, faz entrar o arado da idéa na messe germanada de sangue, e d'onde depois rebentam flôres, como as arvores fructíferas n'um campo de batalha.

A unidade é necessaria á propagação d'uma idéa, e é por isso que muitas vezes o homem predestinado é um conquistador: sirvam de exemplo, Alexandre, Cesar, Carlos Magno e Napoleão. Quando o homem do progresso não é soldado das batalhas, os povos encarregam se das revoluções; o quebrar das algemas que agrilhoavam os pulsos, é um hymno aos martyres que morrem esmagados sob o pezo da armadura, que os fizera grandes!

Os seculos positivos e de applicação vêm mais tarde. Depois d'um terremoto reconstroem-se as cidades; depois de uma revolução renovam-se as idéas; a morte traz consigo a percepção intellectual da resurreição, e a da transformação no mundo physico.

Meu amigo, no que acabo de dizer, vai incluso o preito, e veneração, que devemos aos esforços do passado; o respeito que devemos sentir pelos homens, que advinharam a formosa manhã da civilisação, e que já mortos parecem dar ainda lições aos vivos:—deixando os tempos poeticos de Homero e Hesiodo, para entrar no campo do raciocinio, pretendo debuxar em breve quadro, correndo pelas differentes epochas do mundo, como os homens e as cousas appareceram em scena em tempo conveniente para augmentarem a riqueza da civilisação social. Pretendo demons-

trar a ligação das peginas d'uma historia cujo primeiro capitulo foi escripto pelo primeiro pensador, que, sempre surgiu quando de necessidade, e que o *surrexit* sómente será riscado da lousa de Christo, quando a humanidade, tocando o apogeu da perfeição ficar, como os escolhidos, em extasis diante da faxa do Senhor... Todavia a lua vae alta, a noite está fria, amanhã conversaremos.

João d'Oliveira.

O HYLARIO

Fez ha pouco tempo um anno que foi em Lisboa um dia de festa. Nunca vimos outra igual, outra não veremos tão cedo, a não ser a das arvores em flôr ao sol que as illumina.

Foi a apothose d'um santo feita por toda a luz d'almas ainda sem mancha.

E, quando o cortejo ia caminhando por essas ruas: até á casa humilde do enorme poeta, dir-se-hia, que de toda aquella mocidade subia tenue, em volutas perfumadas, o pollen fecundante do entusiasmo do bem. Faltava aquella primavera no céo, mas que importava? Em cada peito florescia uma primavera.

Foi n'essa occasião que appareceu em Lisboa o Hylario com a sua guitarra. Era um typo. Quanto se conta da velha estroinice coimbrã, da vida airada dos lendarios estudantes, que vão com as sebentas sobraçadas cantar nos salgueirões o amor, no Mondego o luar, quanto faz alegrar os homens em reminiscencias de longinqua mocidade e faz sonhar mulheres, a poesia simples inspirada por um raio de lua, branca, a ziguezagar reflectido entre as humidas folhagens tremulas, ou a que se bebe, altas horas, no fundo de um copo em taberna escura, tudo crystallisára n'aquella alma limpida de bohemio sincero, tudo se convertia em musica de gemidos, em que scintillavam orvalhadas as palavras mais bellas do glossario portuguez.

Cabellos negros cahidos sobre a testa, olhos negros a brilharem n'um rosto negro, dentes muito brancos. Entre dois copos de vinho, uma guitarra. Olhos em alvo. E a voz erguia-se poderosa:

O mar tambem tem amante,
O mar tambem tem mulher,
E' casado com a areia,
Ai!..
Dá-lhe beijos quando quer...

E havia uma paixão enorme n'aquelle canto vibrante. A guitarra gemia, ria, tinha espasmos, soluçava, tinha estertores, affligia-se, gloriava-se, entusiasmava-se, contava sonhos que faziam sonhar. Dir-se-hia realmente que havia uma alma lá dentro e que eram aquellas cordas as fibras de um coração. Meia duzia de compassos n'aquella guitarra contavam toda uma historia d'amor.

E foi por isso que, n'aquella nunca olvidada noite no theatro de D. Maria, quando todas as academias do paiz vieram prestar culto a João de Deus, poeta do amor, a guitarra do Hylario se transformou milagrosamente em lyra. Aquella musica falou ao mais intimo dos corações, trouxe aos olhos, com as suas notas muito simples, pequeninas perolas que os espantaram. Nunca d'outro se contou que em tão pouco, e com tão pouco houvesse conquistado tamanha celebridade. E o bohemio entretanto, que trouxera para aquella palco, sem receio de phariseus burguezes, a sua capa velhinha e remendada, não fez senão contar dos seus amores de rapaz, desejos, melancholias, ideaes, sonhos.

Sonhos!... Pois se elle era um sonhador! E, n'estes tempos de tão má prosa, era essa a sua originalidade. Quando tantos escondem tanto lodo em fragil capinha d'oiro, elle, n'um pouco de lodo de que é feita a fragilidade humana, escondia uma perola enorme e preciosa. De guitarra em punho, vogava no mar da vida entre visões de madrugada brumosas, n'um aneio amoroso.

Ai, que lindas pombas brancas
Vejo n'aquelle pombal!
Quem me dera ser o pombo
Da que não tenha casal!

E a memoria dos devaneios, de que fôra testemunha a sua capa de estudante, queria elle levar-a para o tumulo:

A minha capa velhinha
Tem a côr da noite escura;
N'ella quero amortalhar-me,
Quando fôr p'rá sepultura.

Ella ha de contar aos vermes,
 Já que eu não posso fallar,
 Segredos luarisados
 Da min'alma a dormirar.

A's vezes os versos d'elle tinham o que quer que fosse de confuso, como se realmente fossem feitos em sonhos. Mas as palavras eram lindas; a musica dava-lhes uma fórma etherea que as fazia vogar ligeiramente sobre as harmonias; a guitarra gemia e a gente sonhava.

O Hylario era um energumeno do Bem, d'esse Bem que apparece aos olhos dos idealistas aureolado d'ouro, vestido de fios d'ether luminoso, com grandes azas brancas de cysne, mas cujas garras opprimem e ferem dolorosamente as almas. Elle era um d'esses malditos, que vão sonhando entre as vaías dos que vêem perto, mas não sabem fitar o sol, dascobrir luz muito para além da região das estrellas.

Na sua alma não havia espaço para sentimentos máus. Creio que nunca ninguem lhe conheceu um odio. Mas se no amor era como certos ebrios a quem o vinho faz sede de vinho, era na amizade cheio de dedicações, de finissimas deferenças.

Era por isso mesmo um atormentado. Uma duvida constante do *melhor* affligia-o, dava-lhe desalentos profundos de que sahia para procurar o esquecimento e que tinham como reacção as alegrias doidas em que todos o conheceram. Então, fazendo vibrar as milagrosas cordas da guitarra, cantava, fosse onde fosse, com a sua voz poderosa de tenor, accumulando o povo ás portas.

Nunca sonhou futuros radiantes, fortuna, celebridade, amores de princezas. Sonhava com o que tinha ao lado, e a mulher dos seus sonhos era aquella que o ouvia e a quem elle cantava as frases mais apaixonadas em quadrinhas simples de rimas pobres.

Nunca ninguem fez mais bellos ramos nem flores foram accites com mais gratos carinhos do que as rosas silvestres, a murta, as urzes, o rosmanninho d'esse poeta bohemio.

Mas a sede era constante. Não sonhava com o futuro, mas precisava constantemente sonhar no presente. Tudo o que tinha á mão transformava em poderoso haschich.

Era sobretudo com a musica que elle conseguia desvanecer as trevas que o asphixiavam e, com um rapido golpe d'aza, erguer-se acima dos nevoeiros, espaiar-se pelos altos purissimos, vogar mansamente no vasto campo azul em que os sonhos tomam vultos luminosos.

Então o Hylario transformava-se. A alegria florescia-lhe no rosto, os olhos animavam-se, a mão atirava para traz as longas madeixas do cabello, a bocca sorria em extasis; e por tal fórma o instrumento cantava e lhe vibrava o coração, que elle confundindo-os, pedia em memoria d'aquella extranha harmonia que o seu caixão tivesse:

A fórma d'um coração
 A fórma d'uma guitarra.

Agora na na luz purissima que tanta vez entreviu sonhará eternamente,

Eternamente viverão entre nós meia duzia de notas, que brotaram d'uma alma de poeta e poderão talvez n'uma saudade irmanar-nos os sonhos.

JOÃO DA CAMARA.



Recebemos e agradecemos:

O Economista, revista semanal publicada aos domingos. Lisboa 15.º anno — 3.º volume.

Temos recebido com a maior regularidade este periodico. Nos numeros presentes insere; como sempre, interessantes revistas, politica, colonial e estrangeira, além de muitos artigos sobre politica interna e externa, boletim commercial, financeiro, actos officiaes, noticias do Brazil, e informações de naturezas variadissimas.

E' seu director o illustre financeiro sr. conselheiro Antonio Maria Pereira Carrilho. **O Economista** acaba de publicar um numero extraordinario contendo as propostas de fazenda ha pouco apresentadas ao parlamento.

Relatorio, da direcção da Companhia de seguros Fidelidade; 1895. Lisboa. Typ. de C. B. Coelho — 402, R. de S. Bento, 404.

Este relatorio foi apresentado na sessão de 30



HYLARIO ALVES

de janeiro do anno corrente, e contem o parecer da commissão d'exame de contas.

Da apparente aridez que caracteriza todos os relatorios congeneres, muito curiosas e interessantes inferencias se podem deduzir.

A mais importante de todas essas indicações é a que se refere ao tributo pago pela companhia ao municipio de Lisboa, pois que na repartição d'elle lhe coube a quantia de réis 4:463,850, que implica ser o desenvolvimento dos seguros d'esta companhia, dentro da area de Lisboa, igual a de dez companhias ou agencias que com ella concorrem.

Na conta de resultados do anno vê se que a receita foi de 271:872,562 réis e a despeza 193:975,8820 réis dando o saldo de 77:896,742 réis de que destinaram 5 % para reserva.

Da enumeração dos prejuizos, curiosissimos dados se podem tirar; dividem se em *predios, mobilias, estabelecimentos, estabelecimentos a vapor, maritimos*, etc.; a totalidade d'elles está computada em 71:496,315 sendo de 13:224,382 réis a importancia dos sinistros maritimos dos quaes resulta 8,17,680 réis que couberam á Companhia nas avarias do vapor «Peninsular».

Devéras interessante o succinto relatorio.

Progresso Industrial orgão da industria portugueza, revista de propaganda universal. Lisboa — 1896.

Iniciou a sua publicação, n'esta cidade, a bella revista bi-mensal **Progresso Industrial** e já alcança ao n.º 4 os n.ºs que até agora tem sahido dos prelos da typographia editora, do sr. M. A. Branco. E' gerente da utilissima publicação o sr. Eduardo Coelho, cujos esforços tem sido coroados do mais lisongeiro acolhimento, pois o **Progresso Industrial** tem merecido uma decidida acceitação publica, de que na verdade é digno pela grande lacuna que, entre nós, veiu prehencher.

Arcadia. Revista brasileira de litteratura.

É dirigida esta interessante publicação pelos srs. Brito Mendes e Felix de Mello, brasileiros; e collaborada por alguns poetas novos de entre os portuguezes: D. João de Castro, Alfredo Serrano Delphin de Guimarães, Francisco Pacheco, etc. são nomes dos que alli se mostram.

NOVAS DO OUTRO MUNDO

CARTA DE JOÃO DE DEUS

AOS ESTUDANTES

POR

JOÃO DA CAMARA

PREÇO 100 REIS

Franco de porte

PEDIDOS Á EMPREZA DO OCCIDENTE

LARGO DO POÇO NOVO

LISBOA

Almanach Illustrado do «OCCIDENTE» para 1896

Está publicado este interessante annuario illustrado com grande profusão de gravuras.

A capa é um lindo chromo representando uma burricada a caminho do Castello da Pena, em Cintra.

PREÇO 200 RÉIS — PELO CORREIO 220 RÉIS

À venda na

Empreza do «OCCIDENTE», L. do Poço Novo, Lisboa

Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte.

Preço da capa e encadernação 1,200 réis.

Pedidos á Empreza do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. Barata & Sanches Rua Nova do Loureiro, 25 a 39